

## A batuta de um velho mestre

Já muito velho, o mestre da filarmónica em cima do coreto dificilmente levantava os braços ou as mãos para comunicar o sentido da música.

Apesar de ele se mostrar à altura no conhecimento das partituras, as suas energias tinham-se esvaído drasticamente nos últimos anos, mas a força interior ia superando as grandes fragilidades físicas. A sua última direção à frente da banda filarmónica da terra ocorreu numa aldeola para os lados de Miranda do Douro... já a custo subiu para o coreto, ajudado por elementos da banda, alguns a merecerem também uma reforma merecida pela idade que apresentavam nos rosto e nas pernas uma vez que ao longo dos anos tinham calcorreado centenas de quilómetros ao serviço da coletividade.

Já no coreto, o mestre olhou para os músicos de forma evasiva como que a despedir-se... reteve no olhar o recinto da festa apinhado de gente que o admirava. E o povo olhava-o silenciado como se ali estivesse um ícone da música, alguém que impunha respeito e sabedoria. O mestre não tinha pressa de iniciar o concerto. Ele sabia que a sua veteranaria era respeitada. O seu corpo mostrava a resignação de uma vida vivida ao serviço da música e dos admiradores que nas festas o aplaudiam estrondosamente. Já de frente para a banda, lento, colorido, atmosférico e majestático empunhou a batuta como se ela fosse um tesouro que não queria abandonar, um troféu conquistado em tantas noites de arraial. Ao fim da segunda peça musical- Murmúrios de Vizela de Joaquim Chicória- obra de grande exigência técnica e de movimentos de braços, o mestre sentou-se num pequeno mocho de forma lenta e dolorosa. Precisaria de umas massagens mas...isso não era possível nos regentes das filarmónicas do tempo.

Estas personalidades nunca tiveram esses requintes nem outros tipos de mordomias. Nesse tempo exigia-se-lhes muito trabalho e pouca compensação monetária. Eles trabalhavam verdadeiramente por amor à arte. O desígnio da paixão pela música era um imperativo dos regentes das bandas.

Quanto ao mestre em questão, a sua habitual extravagância de gestos desaparecera. Ao reger, quase não conseguia levantar os braços acima da cintura...muita da intensidade dinâmica dos movimentos da música era transmitida pelos seus olhos e pelo levantar dos ombros estreitos e curvados...

Na terceira peça- Canción del Olvido de José Serrano- o mestre fora acometido por um ataque de tosse incontrolável e persistente, agarrando-se à estante com uma mão, enquanto com a outra dava a chama do ritmo aos músicos... a obra parecia uma eternidade para os artistas...Eis que de repente, tocado por uma qualquer centelha divina, reage energeticamente voltando ao contacto com eles, e rege com o corpo todo, destacando-se o movimento do olhar, os joelhos, os ombros e a cabeça. O mestre

concluiu a obra completamente arrasado, um final de energia controlada e feroz...neste episódio meio épico e meio trágico fez-se ouvir uma enorme ovação do povo. Povo dedicado ao mestre e às paixões que a música desencadeava nas festas populares. A imagem de gestos largos, olhos fechados para melhor sentir a magia dos sons e cabelos esvoaçantes, fizeram dele um dos mestres mais populares e amados que passaram por Mateus nos anos vinte.

Este homem, dinâmico e emocional, manteve sempre a reconciliação e o amor desinteressado para com o seu semelhante. Resistiu heroicamente ao convite de propostas irrecusáveis que de outras coletividades lhe chegaram por diversas vezes. Para este mestre, a Banda de Mateus era a única que fazia sentido, a única que valia a pena viver até ao toque do último suspiro de vida. Quando o seu corpo desceu à terra, o nosso homem teve honras de uma grande figura da região. O silêncio passou a morar no coração dos músicos durante vários anos quando a batuta do mestre deixou o movimento da última respiração.